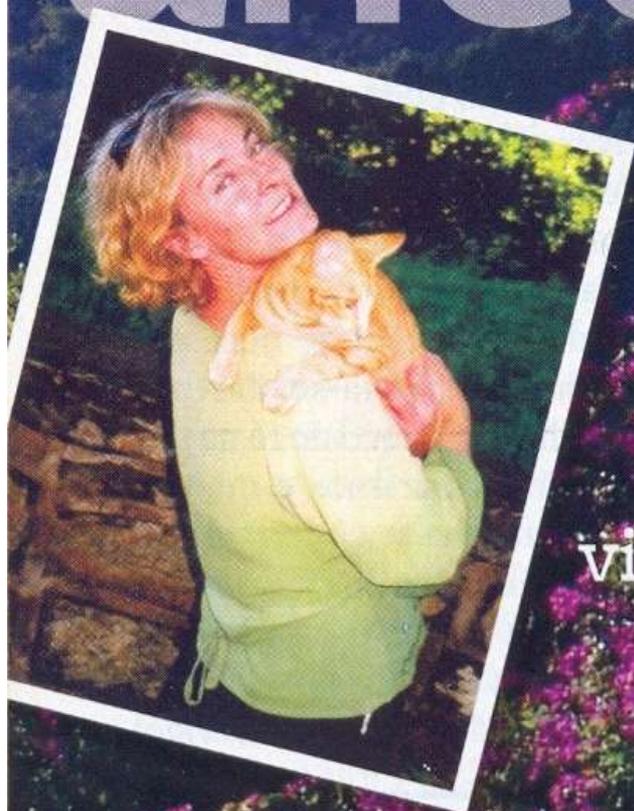
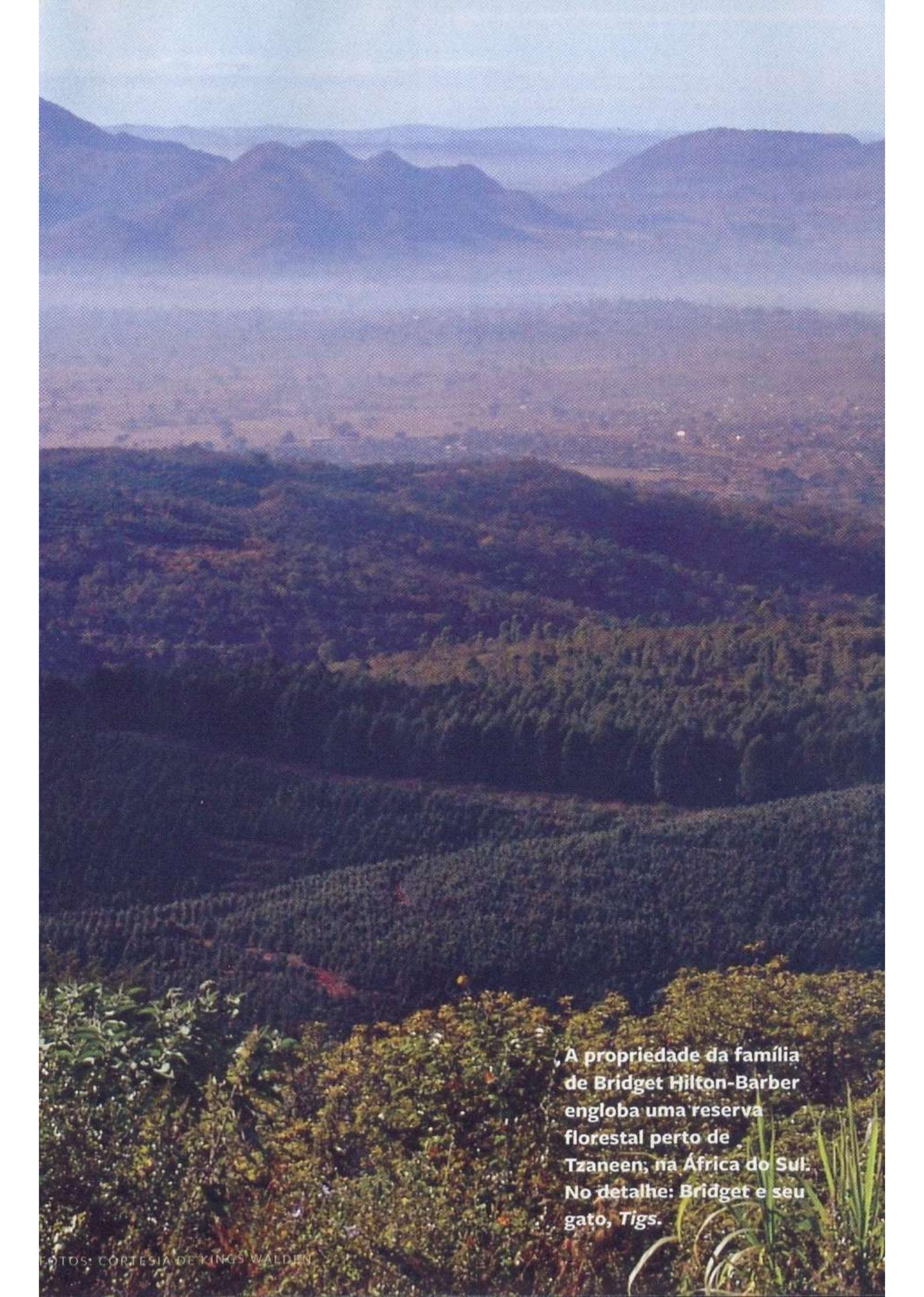


# O jardim dos meus ancestrais



Após ter a vida dilacerada por uma tragédia, uma mulher encontrou paz e vontade de viver cuidando de um jardim e trazendo-o de volta à vida.

POR BRIDGET HILTON-BARBER



A propriedade da família de Bridget Hilton-Barber engloba uma reserva florestal perto de Tzaneen, na África do Sul. No detalhe: Bridget e seu gato, Tigs.

As azaleias vieram e se foram numa lufada de tons pêssego e rosa. Minhas rosas estão florescendo. E os jacarandás e os *flamboyants* também estão todos floridos em púrpura e escarlata.

Certa manhã, fui ao jardim para ser saudada por um arbusto que floria pela primeira vez. Foi um dos primeiros que plantei. Uma pequena mão se estendia pela folhagem, com cada dedo a formar uma perfeita flor vermelho-sangue. Uma lágrima inesperada deslizou pelo meu rosto. O arbusto é chamado de coração-partido, e seu florescer é meu relato de esperança.

Quando me mudei para Stone Cottage, na África do Sul, faz três anos, eu era um pé-de-meia perdido numa lavanderia de desespero. Os três anos anteriores da minha vida tinham sido um inferno. Meu irmão Steve morrera de infarto. Seu filho, Benjamin, meu sobrinho de 1 ano e meio, morrera no hospital após uma cirurgia malsucedida. Meu querido amigo Andrew fora assassinado. E eu sobrevivi depois de ter sido amarrada e ter uma pistola 9 mm encostada na minha cabeça durante um assalto armado na minha casa. Depois disso tudo, ainda enfrentei um divórcio.

Após a morte de Steve, eu me enterrei num buraco negro de tristeza movida a álcool e tranquilizantes, enquanto trabalhava o máximo que podia como editora da revista de uma companhia aérea. Eu viajava quase o tempo todo, o que proporcionava uma distração temporária, mas igualmente uma grande sensação de não pertencer a nenhum lugar. Eu estava sempre



**Os jardins de Kings Walden são um misto de tragédia e amor; eventos da vida são comemorados em meio a plantas, arbustos, fontes e memoriais.**

em movimento – acordando em Mumbai ou Nova Orleans, Dar es-Salaam ou Cardiff com o mesmo vazio no coração. Ainda não assimilara a morte de Steve quando seu filho Benjamin morreu. Como uma família, tivemos de enfrentar aquela tragédia incrivelmente injusta.

A essa altura meu casamento tinha começado a ficar seriamente abalado. Eu estava tomada por sentimentos de autopiedade e depressão. Sentia-me isolada e solitária. Resolvi pedir demissão do trabalho na esperança de que, se viajasse menos, conseguiria perceber algum lugar sólido onde colocar os pés. Meu marido me deixou no dia em que comecei a trabalhar como articulista de um jornal local.



Três semanas depois ele voltou, e, passadas mais três, o padrinho de Benjamin – meu querido amigo, Andrew, um fotógrafo – foi assassinado no seu estúdio em Braamfontein, perto de Johannesburgo. Foi o terceiro funeral em três anos, e eu não tinha mais forças nem para sentir tristeza. Estava entorpecida. Afastei-me do trabalho, tive um colapso nervoso e passei uma semana no hospital sob o efeito de fortes antidepressivos.

Quando saí do hospital, comecei a escrever meu livro, *Garden of My Ancestors* (O jardim de meus antepassados). Meu marido e eu tínhamos feito um trato de que ele me sustentaria por três meses. Poucos dias depois, ele foi demitido do emprego.

Passado um mês, três homens armados invadiram nossa casa em Johannesburgo, amarraram-nos, pegaram tudo o que tínhamos e fugiram – no meu carro. Estranhamente, o roubo foi a melhor coisa que me aconteceu. A violência fez com que a vida repentinamente ganhasse muito mais importância. Percebi que não queria me autodestruir e fui tomada pelo desejo de lutar pela vida – porque eu tinha escapado da morte.

Considerei aquilo uma intervenção dos meus antepassados pelo fato de que, por fim, eu conseguiria deixar Johannesburgo e meu marido, e comprar Stone Cottage e um pedaço de terra em Agatha, nos arredores de Tzaneen, província de Limpopo, vizi-

nho à casa de meus pais. Kings Walden, a casa deles, pertence à família há mais de cem anos, e seu jardim – iniciado por minha avó Elsie e continuado por minha mãe – pegou-me nos braços e me ministrou o *muti* (tradicional medicamento africano) para que eu iniciasse meu processo de cura.

O jardim dos meus ancestrais confortou-me. Nascimentos, mortes, casamentos e relacionamentos amorosos estão impregnados nesta paisagem – fazem parte de árvores, solo, pássaros e flores. Fazem este jardim crescer.

Eu passava horas, manhãs, noites e dias lá, chorando e esbravejando, pen-

necessários pelo menos sete anos para fazer um jardim organizado, mas, como diz o provérbio chinês: a jornada de milhões de quilômetros começa com o primeiro passo.

A primeira vez que afundei minhas mãos no solo rico e vermelho de Agatha, senti como se as houvesse afundado na própria vida. Meus dedos formigavam, meus cotovelos se contraíram, meus cabelos ficaram elétricos – e senti a energia de outro mundo, cuja essência continha as sobras de milhões de anos da humanidade.

Como foi doce perceber, não importa o quanto silenciada, a primeira

## Na jardinagem estão os ciclos de vida, crescimento e morte

sando na vida com seus enigmas e mistérios, com sua dor e imprevisibilidade. Imersa neste santuário, comecei a descobrir a paciência para me curar. De algum modo, em algum lugar, fora da minha escuridão e tristeza, uma pequena fronde de esperança começou a se abrir. O jardim me deu a metáfora, não apenas para o livro, mas também para a minha estrutura emocional.

Enquanto o belo e bem elaborado jardim de Kings Walden falava de amor, vida, morte e esperança por quase um século, o meu era o *bosco* (palavra italiana para bosque), o ermo selvagem e sem controle. Em torno de Stone Cottage havia uma cerca viva alta e impenetrável de arbustos espinhosos. São

sensação de possibilidade, em anos, de que ainda há esperança – e talvez de que sempre haverá, porque a esperança faz parte da natureza humana, da intrínseca tenacidade humana.

Pela primeira vez, concluir meu livro, iniciar meu jardim e curar minha alma tinham mais a ver com a jornada do que com o objetivo final.

Comecei a pesquisar nas páginas dos livros de jardinagem de minha avó e minha mãe e assim iniciei minha jornada no mundo dos jardins formais – *zen*, casa de campo, renascentista, dos

**Na noite em que a avó de Bridget morreu, um raio acertou esta árvore, cujo tronco ficou branco desde então.**



monastérios italianos e jardins de colecionadores. Li sobre canteiros, cercas vivas e chafarizes, sobre as plantas que preferem a sombra, as que gostam de vasos, as que buscam o sol e as que crescem rápido. Enrolei o nome delas em minha língua: lobélia, espora, sapatinhos-de-vênus e clematite.

Comprei envelopes de sementes e mudas. Tomei atitudes mais arrojadas e comecei a pegar mudas e ramos de lugares públicos e privados. Em seguida, mais arrojada ainda, mandei cortar uma avenida de árvores e demolir um velho estábulo para dar acesso a um lago. Então observei, maravilhada, como minúsculas plantas empurraram seus narizes verdes para o ar de Agatha.

Tive, claro, muitos desastres no jardim. Plantas murcharam e morreram ou foram queimadas pelo sol, sementes nunca germinaram, os cachorros arrancaram hortaliças, canteiros foram rasgados pelo granizo. Também chorei e me enfureci no processo de jardinagem – a respeito de coisas que nada tiveram a ver com as plantas.

No dia em que plantei o arbusto co-

ração-partido, pensei que ia desmaiar sobre a pá. Experimentava um sentimento mórbido, como se estivesse enterrando meu próprio coração. Quando ele não floresceu no verão, chorei.

Do mesmo modo como pensei que meu coração jamais se recuperaria da morte de Steve, Benjamin e Andrew, também nunca pensei que meu jardim floresceria. Mesmo assim, o contato com a terra, o sol, a chuva e as plantas valeu a pena, tanto física quanto espiritualmente. Não tomo mais antidepressivos. Estou mais completa do que já estive em anos – e, pela primeira vez desde que o plantei há três anos, o coração-partido floresceu.

Dizem que, quando se planta um jardim, planta-se felicidade, mas penso que também se podem plantar tristeza, dor e lembranças tristes. Na jardinagem estão presentes os ciclos de vida, crescimento e morte. A jardinagem ensinou-me paciência, método e paixão. Mostrou-me que, para onde quer que a jornada nos conduza, haverá novos deuses à espera, com paciência e risadas divinas.

## TEMPO GASTO NO BANHEIRO

**Meu cunhado adora** uma pechincha. Um dia, no supermercado, ele parou em frente à prateleira de papel higiênico. Vendo que as embalagens em tamanho família estavam em promoção, duas pelo preço de uma, pegou meia dúzia de pacotões e foi para o caixa. Uma mulher, na fila, olhou para ele e para a imensa quantidade de papel higiênico e disse:

– O que me deixa surpresa é o senhor ainda ter tempo de fazer compras. *Alison Henson, Reino Unido*

